

O pensamento renano de Gaston Bachelard: conflito ou aliança da razão e da imaginação?¹

Jean-Jacques Wunenburger
Universidade Jean-Moulin Lyon 3 – França
Tradução por Sueli Ratto²

RESUMO

A filosofia francesa contemporânea testemunha com frequência uma ambivalência com relação à tradição filosófica alemã. Quais efeitos filosóficos resultam deste encontro entre duas racionalidades que pensam e encaram diferentemente o mecânico e o vital, a parte e o todo, o indivíduo e a sociedade como lembrou, por exemplo, Louis Dumont? Gaston Bachelard não seria exemplar de uma resolução original, de um estilo singular, resultante de uma torção das tradições, após ter evitado sua fusão como sua repulsão? Evidentemente, à primeira vista, uma fronteira, até mesmo um *no man's land*, separa junto a Bachelard a racionalidade científica e a criatividade poética, que se opõem como o dia e a noite, e em alguns pontos como a França e a Alemanha ao longo do Reno. Entretanto, suas relações são mais complexas: de quiasma primeiramente, visto que a epistemologia científica, após se haver constituído da linha do positivismo francês, empresta muito aos ideais dialéticos românticos e inversamente a criatividade onírica, quase mágica, se deixa situar sob duas categorias lógicas, semânticas e sintáticas pelo menos. Mas, no final das contas, Bachelard não conduz a um tipo de *Unus mundus*, verdadeiro fundo sem fundo, de modo que classicismo e romantismo filosóficos, após terem se oposto um ao outro, em seguida se inter cruzado, tornam-se como as duas faces de um psiquismo único, comparável a Janus *bifrons*?

Palavras-chave: Imaginário. Racionalidade. Paradigmas. Epistemologia

RÉSUMÉ

La philosophie française contemporaine témoigne souvent d'une grande ambivalence à l'égard de la tradition philosophique allemande. Quels effets philosophiques résultent de cette rencontre entre deux rationalités qui pensent autrement le mécanique et le vital, la partie et le tout, l'individu et la société, comme l'a rappelé, par exemple, Louis Dumont? Gaston Bachelard ne serait-il pas exemplaire, d'une résolution originale, d'un style singulier, résultant d'une torsion des traditions, après avoir évité leur fusion comme leur répulsion? Certes, à première vue, une frontière, un *no man's land* même, sépare chez Bachelard la rationalité scientifique et la créativité poétique, qui s'opposent comme le jour et la nuit, et à certains égards comme la France et l'Allemagne le long du Rhin. Pourtant leurs rapports sont plus complexes: de chiasme d'abord, puisque l'épistémologie scientifique, après s'être constituée dans la lignée du positivisme français, emprunte beaucoup aux idéaux dialectiques romantiques et inversement la créativité onirique, presque magique, se laisse subsumer sous des catégories logiques, sémantiques et syntaxiques au moins. Mais au bout du compte, Bachelard ne renvoie-t-il pas à une sorte d'*Unus mundus*, véritable fond sans fond, de sorte que classicisme et romantisme philosophiques, après s'être opposés l'un à l'autre, puis entrecroisés, deviennent comme les deux faces d'un psychisme unique, comparable à Janus *bi-frons*?

Mots clés: Imaginaire. Rationalité. Paradigmes. Epistémologie

1 Artigo publicado originalmente em francês. Ver Wunenburger, 2001.

2 Professora e coordenadora pedagógica da Aliança Francesa de Natal-RN.

A história da filosofia francesa tem relações contrastantes e ambivalentes com o pensamento germânico, sobretudo desde que essa última reforçou sua identidade, ou seja, desenvolveu uma idiosincrasia, marcada de perto ou de longe pelo idealismo romântico. O pensamento filosófico alemão, desde o século das Luzes, se beneficiou com uma língua nacional, jovem, leve, criativa, que se desligou facilmente de um racionalismo conceitual, originário do latim, e transplantado sobre a primazia dos substantivos. A língua alemã, ao contrário, soube particularizar e adoçar os substantivos pelo jogo dos prefixos e sufixos, e abri-los à compreensão e à expressão das variações das coisas transformando-os em verbos. A língua francesa, por sua vez, continua apegada ao longo do século 19 e durante a primeira metade do século 20 a um classicismo semântico e sintático que leva a pensar linearmente, por categorias fixas, seguindo uma ordem analítica das relações entre idéias. Este contraste lingüístico pode ser considerado como o índice e o fermento de uma dualidade, até mesmo de um antagonismo entre abordagens e estilos filosóficos opostos, que foram objeto de um grande número de constatações, de justificações, de processos, de um lado e do outro do Reno³. Como muitas situações marcadas por um endurecimento das diferenças, a história dos encontros entre filosofias francesa e alemã oscila entre ignorância altiva podendo ir até a caricatura de um lado e submissão magnética, empréstimo mímico, do outro. A história dos acontecimentos servirá, aliás, várias vezes de pano de fundo, em um pouco mais de um século (desde 1870), para legitimar seja as excomunicações infelizes (Wladimir Jankelevitch), seja as conversões ardentes (Jean Beaufret).

Mas, além destas relações passionais e exclusivas demais para serem verdadeiramente influentes para o pensamento especulativo, parece ter sido desenvolvidas formas mais originais de intercruzamento, de diálogo entre tradições francesa e germânica, que escapam às posições polêmicas e às adesões inflamadas. Um testemunho original e inesperado des-

ta fecundação mútua sem confusão nos é dada pela obra de Gaston Bachelard. Escolha surpreendente, é claro, se nos apegarmos a esta tradução latina da Bíblia, constantemente alimentada pelo próprio autor, segundo à qual o bachelardismo se instalou num dualismo radical que opõe a epistemologia, inscrito na longa tradição do positivismo francês, e um poético que explora a atmosfera dos sonhos, num estilo próximo dos visionários românticos alemães. Mas sob a superfície desta obra esquizomorfa, que divide por assim dizer o conflito cultural entre França e Alemanha, parece-nos entretanto revelar configurações sutis que atam juntos dois modos de demonstração do pensamento, que desde já não seriam mais exclusivos um do outro, mas complementares. Bachelard permitiria, assim, fazer das duas margens do Reno as bordas de uma única corrente filosófica voltada para a auto-compreensão de suas profundezas fundadoras. No final das contas, Bachelard, apesar ou por causa de uma disparidade desconcertante de suas contribuições heterogêneas, não nos conduz então a um tipo de *Unus mundus*, verdadeiro fundo sem fundo, após ter oposto um ao outro, em seguida intercruzado, se tornariam como as duas abordagens complementares para penetrar um pensamento profundo, comparável a Janus *bi-frons*?

A FRONTEIRA RENANA: Bachelard e o conflito franco-alemão

A história do desenvolvimento da obra filosófica de Bachelard (1884-1962) aparece primeiramente como que marcada por uma cisão nítida, que separa dois períodos, dois engajamentos: uma primeira carreira exclusiva de epistemólogo, que cede o lugar brutalmente durante o período dijonnês, a partir de 1938, a uma outra orientada e dominada por uma temática mais estética e literária, declamada pelas obras consagradas à poética dos elementos (Nenhuma publicação epistemológica entre 1940 e 1948). Essa estranha ruptura e conversão é, aliás, interpretada pelo próprio Bachelard como a descoberta e a conquista de uma dualidade antropológica, opondo ciência e sonho, conceito e imagem.

³ Ver a análise primorosa de Caussat (1990).

Bachelard assume, então, claramente a ruptura instalada entre uma psicologia da abstração científica e uma fenomenologia da imaginação onírica.⁴

Sob este ângulo se poderia interpretar os dois lados aparentemente contrários da obra de Bachelard como um tipo de justaposição, sem mediação, de uma exigência racionalista e de uma atração anti racionalista, que o próprio Bachelard não teme endu- rer à maneira do dia e da noite. Dupla de termos simbólicos que se aplica bem ao confronto entre a valorização da “claridade e distinção”, próprio à idade clássica francesa de um lado (século solar, por excelência) e a aderência brumosa das representa- ções, comparada por Hegel à “noite onde todos os gatos são pardos”.

Gênese e estrutura do bachelardismo permiti- riam, então, de aí reconhecer uma figura significativa e mesmo exemplar de um conflito não ultrapassado, mas projetado no tempo sucessivo da obra do filó- sofo, entre a França e a Alemanha. Porque, desde o último século, estas duas tradições intelectuais se en- gajaram sobre vias divergentes, que se pode resumir, com grande risco, assim. Do lado germânico, o ideal para o pensamento é assegurar um auto- desenvol- vimento especulativo, gnoseológico ou visionário, da totalidade do Ser abstrato, o que leva a apre- nder a figura do individual como um momento, uma passagem num processo histórico, precedendo a atualização viva do Todo concreto, reconciliado com o abstrato. Ao contrário, a racionalidade francesa, herdeira desde o cartesianismo da posição inacei- tável do Cogito (argumento de base da filosofia de Descartes)⁵ limitado, visa sobretudo fazer triunfar a transparência e o todo-poder do sujeito, prescreven- do-lhe ultrapassar sua particularidade contingente num universo abstrato.

4 Paul Ginestier (apud PAURINAUD, 1996, p. 27) relata esta confissão de Bachelard: “Passando do ensino prático das ciên- cias ao da filosofia: eu não me senti totalmente feliz e procurei a razão desta insatisfação. Um dia, em Dijon, um estudante evocou meu ‘universo pasteurizado’. Foi uma revelação: Um homem não pode ser feliz num universo pasteurizado, eu preci- sava ajeitar os microscópios para levar a vida. Era preciso rein- tegrar a imaginação e desenvolver a poesia”.

5 Reportaremos às finas análises de Dumont (1991).

Estes dois destinos filosóficos não se encontram, um após o outro, na obra de Gaston Bachelard? Na realidade sua teoria genética do espírito científico se apresenta como um trajeto linear indo de uma consi- ciência pegajosa na particularidade de suas imagens primeiras até uma razão aperfeiçoada, que associa o poder do conhecer à produção de um conceito abstrato, emancipado de toda intuição empírica. A ciência constitui assim uma atividade socializada destinada a esvaziar o espírito de toda individualida- de (imagens e sentimentos), comparável neste sen- tido à escola republicana que visa liberar uma razão dialógica, sobre fundo de uma repressão de qualquer interesse particular⁶. A epistemologia bachelardiana corresponde, então, a um tipo de política da razão cidadã, razão universal e vontade geral exigindo o mesmo sacrifício que se tem que fazer com nossos enraizamentos primeiros, sejam eles biológicos ou simbólicos.

Inversamente, a poética do devaneio bachelar- diana ativa as profundezas inconscientes do Ego para colocá-las, pela imaginação, em consonância, em sintonia com a Natureza ou o Cosmos. A imagina- ção criadora aparece, então, como uma atividade de transformação simbólica das determinações existen- ciais a fim de fazer o sujeito participar da totalidade das matérias, formas e movimentos do Cosmos.

Poder-se-ia, então, sustentar que pela sua episte- mologia Gaston Bachelard se liga a uma valorização francesa da abstração desindividualizante, enquanto que pela sua estética e sua ética do devaneio, ele pro- cura reconciliar a subjetividade, viveiro das imagens primordiais, arquetípicas, com a totalidade viva de uma Natureza, onde física e psíquica se coagularam alquimicamente.

O POSITIVISMO LUTA CONTRA A DIALÉTICA ROMÂNTICA

Prender-se a uma tal leitura corre o risco, entre- tanto, de faltar com a subtilidade e a riqueza da obra,

6 Sobre este paralelismo entre filosofia francesa e república, ver o ensaio sobre a modernização da cultura de Renaut (1995).

consolidando um estereótipo relativo ao desenvolvimento separado e antinômico das filosofias francesas e alemães. Pegando-se ao pé da letra, no momento, o dualismo declarado entre ciência e poesia, pode-se então notar que Bachelard corrige, cuida, mistura cada uma de suas filosofias de elementos estrangeiros que vão, assim, permitir uma renovação inédita tanto da epistemologia quanto da poética.

Bachelard se inicia, primeiramente, em filosofia das ciências, tema de sua tese de doutorado em 1927, num contexto ainda marcado pelo positivismo⁷ de A. Comte, A. Cournot, E. Meyerson, P. Duhem, L. Liard. A ciência é considerada como a forma de realização do saber racional, que progride segundo idades sucessivas, antes de chegar a uma forma de mestrado técnico-científico. Que essa história seja pensada como contínua (Meyerson, Duhem) ou descontínua (segundo o próprio Bachelard, ela avança segundo uma alternância de teorias e de experiências que faz dela uma fenômenotecnia. Situando-se a meio caminho do realismo e do idealismo, Bachelard vai então privilegiar, como L. Brunschvieg, o movimento pelo qual conceito e real se aproximam progressivamente um do outro, ficando limitado a conhecimento fenomenal.

Entretanto, sob a pressão das reviravoltas teóricas ocasionadas pela teoria da relatividade e da mecânica quântica, Bachelard engaja desde o início a racionalidade científica sobre uma via nova e complexa, a de uma dinâmica do conceito abstrato e matematizado, cuja formulação dialética será incontestavelmente alimentada pelo pensamento germânico⁸. Essa sensibilidade ao pensamento alemão tinha, aliás, começado pelo interesse levado por Bachelard aos trabalhos de lógica quântica da escola alemã a partir de 1925/27, o que faz com que Castelhão-Lawless (1998, p. 112) diga:

A tônica dada por Bachelard sobre a subjetividade, sua insistência em elaborar uma psicanálise dos interesses científicos, sua maneira de marcar a importância da história da ciência como ilustração do progresso da razão, e sobre o grupo científico como lugar de produção racional e técnico dos objetos científicos, estão estreitamente associadas ao contexto cultural franco-alemão.

Dois sinais eloqüentes atravessam, em 1940, “A Filosofia do não, ensaio de uma filosofia do novo espírito científico” (ainda que o conceito de dialética já esteja operando deste 1934): de um lado, a evolução da racionalidade científica contemporânea é cada vez menos condicionada por uma confrontação externa à experiência mais determinada por uma dinâmica interna dos conceitos. O saber científico não é mais relativo a e condicionado por fatos visíveis, ele produz por si só leis abstratas, que expressam relações matemáticas, imanentes à razão. Assim o novo espírito científico encontra numa razão tomada como ordem própria de inteligibilidade uma verdade que não obedece mais a uma lógica indutiva. O surracionalismo bachelardiano, liberado da tutela realista e empirista, se aparenta cada vez mais com uma razão especulativa capaz de construir por si só a inteligibilidade da Natureza⁹; por outro lado, essa razão, mais especulativa que pragmática, não é mais conduzida pela procura de identidades substanciais (posição de D. Meyerson), mais progride por uma dialética de negatividade, onde a contradição interna entre conceitos assegura a dinâmica do processo intelectual. Certamente Bachelard tenta se defender de importar em epistemologia a dialética hegeliana, acusada de ser especulativa demais, sem dúvida, que o novo espírito científico encontra numa razão contraditorial, compreendida no sentido amplo de promotora do não, o motor de seu desenvolvimento

7 Este positivismo será ainda nitidamente reivindicado em 1949, em “*Le rationalisme appliqué*” (BACHELARD, 1986).

8 Sobre a dialética ver os artigos de G. Canguilhem, de R. Marthin e nossa análise em: Wunenburger (1984), na publicação dirigida por Jean Libis.

9 No século XIX “a ciência era real por seus objetivos, hipotética por suas ligações entre os objetos. O novo físico revisou, então, a perspectiva [...] são hoje os objetos que são representados por metáforas, é sua organização que faz figura de realidade [...] é a reflexão que dará um sentido ao fenômeno inicial sugerindo uma continuidade orgânica de pesquisas, uma perspectiva racional de experiências” (BACHELARD, 1970).

linear¹⁰. A densidade do termo dialética, que será largamente reutilizado para dar conta da mobilidade das imagens na ordem poética, atesta quanto para Bachelard as representações, conceituais como figuradas, obedecem a um tornar-se próprio, que as leva a uma renovação permanente até a um termo assintótico no qual elas nos conduzem às portas da coisa em si.

Assim a epistemologia bachelardiana parece ter tomado o partido de uma racionalidade heterodoxa, cujo paradigma é emprestado dos recursos da dialética hegeliana e pós-hegeliana. A ciência, após ter sido freada durante muito tempo pela impiricidade, depois ter conhecido a idade teórico-experimental, se aproxima hoje de uma racionalidade auto-produtora do real. Bachelard, então, passou de um certo idealismo francês, próximo de L. Brunschwig, sempre marcado por um sujeito reflexivo em luta contra o objeto, a um idealismo alemão onde o objeto e o sujeito são levados por um processo sempre excedente, onde a negatividade dos jogos de conceitos é suficiente para produzir um saber verdadeiro. Reconhecendo suas afinidades com as abordagens de um Korzybsky e de um Stéphane Lupasco, Bachelard trai uma sedução por uma razão cujos modos de produção não estão mais regrados sobre uma realidade externa, mas deduzidos de sua atividade de autoprodução polêmica endógena. Como destaca D. Terré, Bachelard se engaja, então, numa epistemologia nos limites do racionalismo instituído, sobre-determinado por uma tradição especulativa em detrimento da estrita metodologia procedual e argumentativa¹¹.

10 “A dialética hegeliana nos coloca, na realidade, diante de uma dialética a priori, diante de uma dialética na qual a liberdade do espírito é incondicionada demais, desértica demais. Ela pode conduzir, talvez, a uma moral e uma política gerais. Ela não pode conduzir a um exercício cotidiano das liberdades detalhadas e renascentes” (BACHELARD, 1996).

11 Terré (1998) não hesita em denunciar, sem muitas nuances, Bachelard ao mesmo tempo que Stéphane Lupasco, pelo seu uso não científico da contradição: para eles “a contradição é um sinal da realidade, um sintoma do real. Neste caso, os detectores das contradições hegelianas têm boas razões para recusar sua síntese; com efeito sua contradição não chama de síntese, ela é, por si só uma síntese” (p. 128).

O IMAGINÁRIO À LUZ DE UMA LÓGICA

Inversamente, parece que em se engajando da exploração da imaginação onírica, Bachelard opera um tipo de domesticação e de racionalização francesas da herança do romantismo alemão. Certamente, desde seu primeiro livro, consagrado à “*Psicanálise do fogo*” (1938), Bachelard continua sem nenhuma dúvida tributário de uma metodologia muito positivista uma vez que a psicanálise freudiana lhe dá um procedimento de decodificação simbólico, que só mais tarde lhe parecerá como redutora. Porque a psicanálise freudiana continua fechada numa procura causal de traumatismos e de complexos encarregados de explicar o trabalho de deformação das imagens. Ora, C.G. Jung lhe permite, desde “*A água e os sonhos*” explorar as vias de uma hermenêutica simbólica, onde os sonhos sobre as matérias não deformam mais somente as determinações empíricas e inconscientes do sujeito, mas abrem sobre uma criação permanente de significações ambivalentes que correspondem a valores simbólicos universais. Levando, enriquecendo-os à sua maneira, os conceitos operadores de arquétipos, de sublimação, de ambivalência, Bachelard desaloja os poderes criadores de uma imaginação, que arranca o sujeito de sua história pessoal para lhe desvendar redes de significações escondidas nos “Arcanos do grande Todo”.

Por aí Bachelard desenvolve progressivamente, no campo das teorias literárias francesas, uma psicologia da criação, que encontra a inspiração da “fantástica transcendental” cara a Novalis. Como resume Lecourt (1974, p. 142):

Na realidade, é ao idealismo mágico de Novalis, a seu projeto de uma ‘fantástica transcendental’ que se liga a Gaston Bachelard e, de outro lado, como são provas suas referências (Novalis, Hölderlin, Schlegel, Jean Paul), no curso do romantismo alemão. A poetas e filósofos que vêm na imaginação não uma faculdade psicológica mas a própria fonte do ser e do pensamento.

O devaneio, longe de ser o resultado de um olhar frágil do dado como para Sartre, deve ser apreendido como uma atividade do desvelar das polaridades

do Ser, como um tipo de ontofania feliz (Gusdorf). A imaginação, ao contato das matérias, compreendidas no sentido alquímico ou teúrgico, de formas transitórias onde as propriedades materiais são ao mesmo tempo condutoras de transformações psíquicas, se apresenta então como um órgão de participação mágica numa Natureza definida, ela mesma, como Alma do mundo e não como mecanismo inerte de “partes extra partes”.

Entretanto este ressurgimento da poética romântica, na qual Fichte, Schopenhauer e Nietzsche permitem ligar a forma imaginativa a uma vontade original, fonte de um poder afirmativo do ser, não poderia sustentar alguma irracionalidade extática ou intuitiva. Certamente Bachelard (1948, p.48) repete sempre que “é preciso explicar os sonhos pelos sonhos”, o que não o impede, desde “*A Psicanálise do fogo*”, de anunciar um projeto de racionalização do imaginário, de verdadeira ciência da criação poética, cuja sintaxe e semântica seriam formuladas por leis. A idéia pragmática de liberar dos diagramas poéticos, por exemplo, mostra uma preocupação analítica de decomposição dos procedimentos da imaginação. Se o programa incompleto somente será executado por alunos (em particular por DURAND, 1992 nas suas “*Estruturas antropológicas do imaginário*”, subtítulo, “Introdução a uma arquetipologia geral”), acontece que, a seu ver, a atividade simbólica dá lugar a princípios invariantes: dentre os quais ele destacará tanto a lei da bipolarização dos núcleos simbólicos (que rejeita os sonhos triádicos)¹² quanto a lei de relação dos opostos, ou a da ambivalência. Se Bachelard, em seguida, renunciou enunciar uma lógica das imagens para substituí-la por uma abordagem fenomenológica, num sentido novamente liberada de toda ortodoxia husserliana, foi para captar condições transcendentais do sonho.

É interessante constatar, na realidade, quanto à opção fenomenológica libera junto a Bachelard uma

12 Por exemplo: “se uma união ternária aparece, pode-se estar certo de que só se trata de uma imagem artificial, do que de uma imagem feita com idéias. As verdadeiras imagens, as imagens do sonho são unitárias ou binárias”. (BACHELARD, 1993, p. 112).

metafísica da poética, que lhe permite promover uma ética fundada, não mais sobre o voluntarismo ascensional, mas sobre uma disponibilidade melancólica da qual pudemos constatar a estranha consonância com a última filosofia heideggeriana. Bachelard reencontra, assim, mas numa língua francesa apurada, os temas de uma ontologia da afetividade. Só podemos ser tocados, por exemplo, vendo como os temas da *Stimmung*, do *Ereignis* ou da *Gelassenheit*, ressurgem, livres de todo jargão de tradutor, em “*A Poética do espaço*” (1957) ou em “*A Poética do devaneio*” (1961)¹³. Por este engajamento, Bachelard marca uma vez mais sua obra com uma impressão germânica, que é menos mimetismo que ressurgimento: além do romantismo panteísta e empático, Bachelard opta finalmente, como Heidegger, por uma filosofia da nostalgia do Ser, cujo jogo de presença e de ausência, de revelação e de mistério, permite à imaginação onírica, mesmo sem a mediação das obras, mobilizar um vazio do ser, último retorno de uma negatividade, desta vez não dialetizável¹⁴.

EM DIREÇÃO A UMA POLIFILOSOFIA EUROPEIA

É suficiente, no momento, concluir que Bachelard, ao longo de sua trajetória filosófica, aparentemente descontínua e bífida, somente cruzou, como num quiasma, dois tipos de inteligibilidade das operações do espírito? Tendo trocado uma coabitação superficial de duas tradições franco-alemã contra uma aculturação simétrica e recíproca, Bachelard não teria procurado retificar e enriquecer o analítico pelo sintético, o não-racional pelo racional? Pode-se tirar uma significação filosófica e

13 Ver as análises de Nicolas, 1998.

14 Bachelard já vê em 1936 na ritmanálise uma abertura sobre o pensamento poético: “Subitamente nós encontrávamos passagens, acordos, correspondências todas baudelairianas entre o pensamento puro e a poesia pura[...]. A poesia não seria, então, um acidente, um detalhe, um divertimento do ser? Ela poderia ser o próprio princípio da evolução criativa? O homem teria um destino poético? Ele estaria sobre a terra para cantar a dialética das alegrias e das penas? Aí existe toda uma ordem de questões que nós não tínhamos qualidade para aprofundar” (BACHELARD, 1989).

não somente paradigmática desta união dos opostos (diferente da unidade avançada pela leitura de F. Dagognet)? Na realidade não nos parece que Bachelard tenha se contentado em realizar um tipo de compromisso entre um neoracionalismo e um romantismo da imaginação revisto e corrigido por intuições encontradas junto a Fichte, Schopenhauer, Nietzsche, Freud, Jung ou Heidegger.

Mais profundamente o bachelardismo parece ter encontrado nestas duas heranças filosóficas nacionais as duas faces complementares do espírito humano. Porque Bachelard, inimigo dos dualismos, que sempre procurou ritmar e dialetizar (por exemplo, em “*A Dialética da duração*”), não podia renunciar em ultrapassar a oposição inaugural entre razão e imaginação. Se ele, certamente, manteve formalmente uma interpretação esquizomorfa das atividades intelectuais, se regrado tanto sobre o antagonismo do fato, cultural e acadêmico, entre ciência e poesia, ele não menos destacou seu direito igual ao desenvolvimento, destacando por aí quanto toda hipertrofia de uma das duas culturas levava a um desequilíbrio quase patogênico do homem.

Acontece que cada uma destas expressões da vida do espírito não pode encontrar nos seus próprios conteúdos os princípios de sua inteligibilidade. Poder-se-ia sustentar que sem um conhecimento dos poderes da imaginação, a atividade racional da abstração continua vazia. A poética torna-se assim uma chave de compreensão da psicologia científica, a menos que encontre sempre diante de si imagens oníricas sensatas. Inversamente, o imaginário continua cego, ininteligível, sem conceito, se não se leva em conta a racionalidade intrínseca que o conduz e o atravessa. Não é surpreendente desde então que nossas atividades intelectuais, ainda não domesticadas pela cultura que as purifica e as divide, dependem de uma combinação complexa, de uma mistura de representações, dando assim um sentido a uma razão poética tanto quanto a uma poesia científica.¹⁵

Mas, para identificar esses *logoi* e estes *mutboi* que constituem a trama da vida do pensamento, nós

precisamos de uma filosofia plural ou, para dizer a verdade, de uma pluralidade de filosofias. Se a filosofia francesa moderna, muitas vezes, desconheceu ou sacrificou o lugar da imaginação em suas teorias do conhecimento, se a filosofia alemã conduziu invencivelmente a anexar as ciências positivas a uma única filosofia da Natureza, se cada uma ilustra de alguma maneira a vitória de uma racionalidade unidimensional, não é uma razão suficiente, até mesmo maior, para concluir, que toda auto-compreensão da racionalidade, ou talvez das racionalidades, supõe que se conjugue juntos, sem confusão nem sincretismo, a tradição germânica e a tradição francesa? França-Alemanha não designaria, então, mais um casal cultural dedicado ao conflito ou a algum imperialismo de sentido único, mas um casal de filosofias complementares. A lição última do bachelardismo é, talvez, que razão e imaginação levem a uma fonte comum, a um fundo sem fundo (este *Ungrund*, cuja experiência existencial e metafísica é evocada pela vertigem de Strasbourg¹⁶, a um tipo de *Unus mundus*, cujas expressões sob forma de conceitos e de imagens não podem se tornar inteligíveis por nenhuma das tradições filosóficas européias, tomadas separadamente. Compreender em seu mistério heterogêneo o espírito em suas obras é um trabalho filosoficamente europeu, que precisa que se ultrapasse todo galocentrismo ou toda germanolatria, as diferentes tradições constituindo tanto perspectivas que conduzem a um mesmo centro indeterminado. Desenvolver um pensamento filosófico renano, apoiado sobre as duas margens do rio, ao mesmo tempo fronteira e ponto de passagem, nos parece, então, ser a melhor maneira de responder ao voto do epistemologista que é Bachelard: “aderir ao polifilosofismo¹⁷”.

15 Ver neste sentido as análises de Vax (1985).

16 Ver “*La terre et les rêveries de la volonté*”, (BACHELARD, 1947, p. 344 ss) e a análise de Libis (1995, p. 219 ss).

17 O racionalismo aplicado (BACHELARD, 1947, p. 36).

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. *La terre et les rêveries de la volonté*. Paris: J. Corti, 1947.

_____. *Le racionalisme applique*. Paris: P.U.F. Quadrige, 1986.

_____. *Noumène et microphysique*. In: _____. *Étude*. Paris: Vrin, 1970.

_____. *La terre et les rêveries du repos*. Paris: J. Corti, 1948.

_____. *L'eau et les rêves*. Paris: Livre de Poche, Biblio-Essais, 1993.

_____. *La philosophie du non*. Paris: P.U.F., 1996.

_____. *La dialectique de la durée*. Paris: Réed P.U.F. Quadrige, 1989.

CAUSSAT, Pierre. *Le discours philosophique*. In: MATTEI, J. F. (Dir.). *Encyclopédie philosophique universelle*. Paris: Press Universitaires de France, 1990. t. 4.

CASTELÃO-LAWLESS, Teresa. *La création et le développement de la phénoménotéchnique dans l'oeuvre de Gaston Bachelard*. *Cahiers Gaston Bachelard*, Dijon: Editions Universitaires, n. 1, p. 112, 1998.

DURAND, Gilbert. *Les structures anthropologiques de l'imaginaire*. 11. ed. Paris: Dunod, 1992.

DUMONT, Louis. *Homo aequalis 2: l'idéologie allemande, France-Allemagne et retour*. Paris: Gallimard, 1991.

LECOURT, D. *Bachelard on le jour et la nuit*. Paris: Grasset, 1974.

LIBIS, J. *L'ombre de Schopenhauer dans l'oeuvre de Gaston Bachelard*. *Cahiers du Centre de Recherches Germaniques de l'Université de Nancy II*, n. 10, p. 219ss, 1995.

NICOLAS, Florence. *L'expérience poétique chez G. Bachelard et M. Heidegger*. *Cahiers Gaston Bachelard*. Dijon: Editions Universitaires, 1998.

PAURINAUD, A. *Gaston Bachelard*. Paris: Flammarion, 1996.

RENAUT, A. *Les révolutions de l'université*. Paris: Calmann-Lévy, 1995.

TERRÉ, Dominique. *Les dérives de l'argumentation scientifique*. Paris: P.U.F., 1998.

VAX, Louis. *La poésie philosophique*. Paris: P.U.F., 1985.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. *La pensée rhénane de Gaston Bachelard: conflit ou alliance de la raison et de l'imagination?* In: MATTEI, Jean-François. *Philosopher en français: langue de la philosophie et langue nationale*. Paris: Quadrige/ P.U.F., 2001. p. 171-181.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. *Bachelard et la séduction dialectique*. In: LIBIS, Jean (Dir.). *Gaston Bachelard, du rêveur ironiste au pédagogue inspiré*. Dijon: CRDP, 1984.